

Brasil paga os atrasados e libera, enfim, o câmbio

GILBERTO ALVES



Serrano

restrição cambial, de fila e de atraso de pagamentos, acaba se favorecendo o estado de espírito em que as empresas procuram especular. Surgem as práticas de sub e superfaturamento, por empresas que buscam ganhos ilegítimos; há o estímulo do câmbio negro, do contrabando e de tudo. Evidente que estimula. Mas o fim da centralização também tende a desestimular essas práticas e basta ver a aproximação entre as cotações do dólar no câmbio oficial e no paralelo, após o ajuste do fluxo de caixa”.

Madeira Serrano esclareceu que prevê funcionamento normal do mercado de câmbio, sem a centralização, já que o Banco Central garantirá o dólar-cobertura. Por isso, o dólar no mercado interbancário também não deverá sofrer ágio acentuado. “O ágio surge pela escassez de dinheiro. Agora, o Banco Central tem uma posição de liquidez confortável e todas as expectativas conduzem à normalidade do próprio mercado” — observou o diretor do Banco Central.

Os financiamentos a importações com prazo superior a 360 dias permanecerão com as remessas suspensas, conforme entendimentos com os bancos e o Fundo Monetário Internacional (FMI), até que o Brasil consiga definir a dívida com os países-membros do Clube de Paris, em que a renegociação incluiu também a parcela relativa a juros. O Banco Central só liberará a remessa correspondentes a esses financiamentos de importação, caso obtenha “garantia bancária apropriada, assegurando a restituição das importâncias pagas, no caso de ficar configurada a vinculação da operação ao Clube de Paris”, de acordo com a circular nº 850 também baixada ontem.

der anunciar a revogação da resolução nº 851 pela de nº 898. Hoje, o chefe do departamento de câmbio do Banco Central, Gilberto Almeida Nobre, terá encontro em São Paulo com técnicos dos 80 bancos brasileiros operadores de câmbio para “discutir, normatizar, orientar e sincronizar o processo de liberação cambial”.

“E o ganho da organização e da tranquilidade — afirmou Madeira Serrano, explicando que a centralização cambial foi “um mal necessário”, diante do agravamento das contas externas brasileiras, em agosto de 1983. Sem recursos líquidos em caixa, o Brasil acumulou atrasados e sofreu sérios prejuízos não contabilizáveis com todo tipo de especulação cambial.

O diretor do Banco Central admitiu: “Toda vez que se cria uma

O Banco Central estabeleceu ontem o fim da centralização cambial, a partir da próxima segunda-feira, quando os bancos operadores de câmbio retomarão “a liberdade controlada” de enviar diretamente as remessas ao exterior. O diretor da área externa do Banco Central, José Carlos Madeira Serrano, informou que hoje o Brasil paga todos os juros em atraso até o final de 1983. Até quarta-feira serão pagos os juros atrasados deste ano e também outros compromissos vencidos para, na sexta-feira, o Banco Central liquidar os casos pendentes por divergências contábeis.

“Por algum tempo”, somente as remessas para pagar importações financiadas com prazo superior a 360 dias continuarão sujeitas à centralização cambial, vigente desde agosto do ano passado por força da resolução nº 851. O fim da centralização também não modifica as restrições à venda de dólares para quem quer viajar ao exterior. Mas libera as remessas para o sustento de parentes no exterior, agora sem a necessidade de comprovação de tratamento de saúde, de obtenção de bolsas de estudo ou outras salvaguardas burocráticas.

Os demais pagamentos de transações comerciais e financeiras terão a garantia de remessa no prazo contratual. “O Brasil sai de um sistema de câmbio centralizado de pagamentos ao exterior com atrasos para um sistema em que atrasos não terão mais lugar. O Brasil volta ao sistema que permite aos bancos brasileiros simplesmente fechar e liquidar suas operações lá fora, sem qualquer fila no Banco Central” — explicou Madeira Serrano.

Ao explicar a convocação da entrevista coletiva à imprensa, o diretor do Banco Central manifestou “grande desafogo” por po-